

Centenário da imigração: centelha da italianidade

*Janiane Cinara Dolzan**

A discussão em torno dos processos de construção das identificações culturais tem repercutido nos escritos historiográficos dos últimos anos. Pesquisas inseridas num mundo interligado pela globalização têm propiciado um amplo leque de interpretações. Por um lado, estudiosos afirmam que as transformações que vêm ocorrendo nas últimas décadas, com o incremento das novas tecnologias, a intensificação dos fluxos migratórios e também de informações, ocasionaria o sufocamento e, paralelamente o enfraquecimento das identidades culturais. De outro lado, pesquisadores acreditam em um recrudescimento - através do fenômeno da globalização - das identidades culturais locais, regionais e comunitárias ocasionando um aumento nas “escolhas” de identidade e, portanto, uma confluência entre múltiplas identidades. Esse fortalecimento é também interpretado como movimento “reativo” frente à “ameaça” de outras culturas¹.

Ocorre que nas últimas décadas, em Santa Catarina - assim como em outros lugares do país e do mundo -; tem se intensificado

* Mestranda em História - UFSC, bolsista CAPES.

afirmações e reivindicações identitárias utilizando como fio condutor a etnicidade e a tradição. Essas identificações acabam conferindo ao fator étnico uma primordialidade e também impermeabilidade. Ora, não acredito que a etnia deva ser vista como primordial e cristalizada. Entretanto, compartilho a idéia de que a etnicidade não se resume a uma construção cultural realizada sobre um tempo histórico. Creio que a mesma pode ser pensada como uma construção e invenção; porém, ampliando e adaptando as solidariedades comunais, os atributos culturais e memórias já existentes².

Contudo, é importante compreender que a construção da identidade étnica “[...] extrai assim, da chamada tradição, elementos culturais que, sob a aparência de serem idênticos a si mesmos, ocultam o fato essencial de que, fora do todo em que foram criados, seu sentido se alterou”³. Elementos que são capazes não somente de seduzir e agregar, como também segregar ao instituir o que é e o que não é – neste caso - ser italiano. Nesta direção, é possível observar no Brasil a crescente afirmação e reivindicação de uma “identidade italiana” por parte de alguns descendentes de imigrantes italianos. Santa Catarina, por ter recebido um grande número de imigrantes a partir de 1875, tem assistido a uma série de manifestações em diversas localidades do Estado.

A cidade de Rodeio⁴ chama atenção por seus inúmeros veículos de afirmação da italianidade: a vinícola “San Michele” e a fábrica de laticínios “Ipiranga”, fundadas e financiadas pela Província Autônoma de Trento, em 1992, e que através dos produtos se reportam ao passado também com o intuito de “resgatar” e perpetuar a cultura italiana; o Círculo Trentino e o GIBRAC (Grupo Ítalo-Brasileiro de Arte e Cultura); o jornal local “O Corujão” que traz inúmeros artigos enfatizando a necessidade do “resgate das tradições”; os corais: “São Francisco”, “São João Batista”, “Bambini”, “Canto e Poesia” e o coral infantil “São Virgílio”; o grupo folclórico “Primo Ballo”; o conjunto musical “Giro in Italia”, “Vecchio Scarpone” e a banda municipal “Frei Lucínio Korte”; a festa anual “La Sagra” e o “Baile do Vinho”; o grupo teatral “Teatro da Paixão”; uma biblioteca com cerca de 250 obras doadas pela Itália; o museu dos “Usos e Costumes” com 400 peças; o

curso de italiano oferecido pelo Círculo Trentino, e recentemente a inclusão da língua italiana (*standard*) na grade curricular das escolas estaduais e também municipais.

É interessante perceber que a grande maioria dessas manifestações surgiram a partir da comemoração do centenário da imigração italiana em Santa Catarina⁵. Em Rodeio, o Grupo Folclórico foi criado em 1975 e o Círculo Trentino foi instituído no ano de 1987. Assim como o jornal “O Corujão”, que teve sua primeira edição em 1977 e a festa “La Sagra” que surgiu em 1985 e se afirma enquanto uma festa “genuinamente italiana”. Nesse sentido, para entender esse processo em construção de (re)invenção da italianidade na cidade de Rodeio, considero imprescindível reportar aos escritos que se referem aos acontecimentos em torno das comemorações de 1975.

Sábado, 3 de maio de 1975. “Rodeio Comemora 100 anos de Colonização Italiana”. Eis a manchete de um jornal⁶. Naquele dia houve uma missa solene, além de desfile militar e escolar, dando início às comemorações do centenário, que terminaram em dezembro. Participaram do desfile o grupo de escoteiros; grupo de moças em *trajes típicos italianos de um século atrás* (grifos nossos); colégio; 4º pelotão; ex-combatentes da FEB e crianças do jardim de infância⁷.

No mês de outubro daquele mesmo ano, o jornal de maior circulação da região publicou um suplemento do centenário da imigração italiana⁸. O prefácio revelava nostalgia e exaltação à epopéia realizada pelos imigrantes:

Prestar um tributo de reverência e gratidão aos impávidos e fortes ancestrais italianos que se radicaram nas férteis mas inclementes terras catarinenses, desbravando a natureza virgem, sobrepujando animais ferozes, digladiando-se com os índios, abrindo picadas e estradas, amainando e cultivando a terra, somando esforços pelo progresso [...] A eles, velhos pioneiros, e aos seus descendentes, povo de linhagem humana e nobre, que hoje ainda constróem a grandeza e efetivam a integração de nosso querido Estado, nesse glorioso Primeiro Centenário da Imigração Italiana em plagas catarinenses [...]. Os registros, as histórias e as mensagens, aqui inclusas, testemunham toda a admira-

ção nossa por *gente* que inoculou sangue novo e fervente na *nacionalidade brasileira*.⁹

É possível vislumbrar nessas palavras a ênfase atribuída à contribuição dos italianos na edificação da nação brasileira. De igual maneira são os escritos do então Cônsul Geral da Itália, Guido Borgomanero, ao comentar que os filhos e netos dos imigrantes são “[...] sangue jovem que corre nas veias e no tecido social desta imensa nação a qual, com já os seus pais e avós, oferecem as suas melhores energias no quadro de um entusiasmante processo de desenvolvimento [...]”¹⁰.

Em praticamente todas as páginas seguintes do suplemento especial, ocorreram exaltações às contribuições dos imigrantes e seus descendentes no desenvolvimento e engrandecimento do Estado de Santa Catarina. Com propagandas e histórias de famílias que obtiveram êxito no comércio e indústria, o jornal ressalta a transformação do Estado pela força dos trabalhadores italianos. Como bem evidencia o seguinte trecho: “Santa Catarina é um Estado rico, pela fertilidade de seu solo e pelo privilégio de ter sido um dos territórios brasileiros escolhido pelos colonos italianos para aplicarem a perspicácia e tenacidade do trabalho que lhe são característicos”¹¹.

A disposição para o trabalho, transformada em herança genética, foi automaticamente associada à cidade, uma vez que ela foi considerada, em 1975, uma “verdadeira colônia italiana [...] onde a língua falada em Rodeio corresponde a falada atualmente na Itália, na cidade de Trento e Valsugana [...]”¹². Enfatizando, conseqüentemente, a permanência de traços considerados característicos dos italianos.

Contudo, são facilmente observáveis as incongruências que permeiam esses discursos. Em primeiro lugar, a cidade de Rodeio não foi colonizada apenas por imigrantes trentinos, mas também por alemães, poloneses, italianos de diferentes regiões e *brasileiros* que migraram para a localidade¹³. Em segundo lugar, a assertiva de que a língua falada na cidade de Rodeio em 1975 é a mesma falada na Itália, é no mínimo instigante.

Retomando a questão do trabalho, a autora Antonia Colbari¹⁴ faz uma interessante reflexão sobre o familismo e a ética do traba-

lho dos imigrantes *italianos*. Dois os aspectos considerados fundamentais para a análise da contribuição dos italianos são o processo de imigração (adensamento, branqueamento e elevação cultural) e o capital cultural desses imigrantes. Embora não concorde com a autora, quando deixa subentendido a existência de um *espírito empreendedor* nos imigrantes italianos e, principalmente, por adotar a categoria “italianos”, deixando assim de perceber os diferentes grupos que estão unificados em torno dessa noção, seus escritos sobre a ética do trabalho ajudam a pensar o processo de naturalização da mesma.

De acordo com Colbari, a representação positiva acerca do italiano (imigrante e descendentes) com relação à dedicação ao trabalho, se encontra sedimentada no imaginário coletivo a partir de uma afirmação paulatina que tem como gênese a política imigrantista implantada pelos governantes brasileiros. Os *italianos*, assim como os alemães foram vistos como *purificadores da nacionalidade*, uma vez que com seu capital cultural e racial *elevado*, contribuiriam para modificar a composição física e cultural da população brasileira (grifos nossos). O imigrante italiano, para a autora, é percebido e se percebe, então, como portador de uma ética do trabalho, de um espírito desbravador e dominador das técnicas de produção.

Essa identificação é então construída em contraste aos povos indígenas, negros e brasileiros que são vistos como indolentes. Há que ressaltar que a política imigrantista do governo brasileiro teve como objetivos principais, para além do adensamento, branqueamento e obtenção do *status* de “nação civilizada”, a constituição de um mercado de trabalho com o intuito de substituir a mão-de-obra escrava. Ocorre que, naquele momento, a representação sobre o trabalho manual estava diretamente associada ao regime escravocrata e, portanto, o trabalho era visto como a negação da liberdade e marca de inferioridade social. Dessa forma, de um lado situavam-se as pessoas brancas, cristãs e proprietárias, e de outro os índios, negros e mestiços.

Ainda no que se refere à crença genética da capacidade de trabalho, a antropóloga Giralda Seyferth¹⁵, ao refletir sobre a identidade camponesa do Vale do Itajaí-Mirim, tece importantes considerações acerca de duas categorias opostas: a de colono e a de

caboclo. Para a autora, a partir da análise de inúmeros depoimentos, a oposição entre colonos e caboclos está diretamente relacionada com uma concepção de trabalho etnicamente fundamentada. Ou seja, não se trata somente de julgar o caboclo de ineficiente, preguiçoso ou improdutivo. Tampouco está vinculada apenas com a experiência de pioneirismo dos colonos e o domínio da natureza. A oposição se relaciona – na ótica dos colonos - com a chegada dos caboclos após os colonizadores e, com isto, o usufruto indevido dos benefícios do trabalho realizado pelos colonos¹⁶.

Essa concepção específica do trabalho, presente no discurso dos descendentes de italianos como fator distintivo perante o “outro”, está pautada principalmente no mito de origem. De acordo com Seyferth, o valor simbólico da origem é significativo na medida em que outros elementos de diferenciação são menos visíveis. “Ser de origem”, portanto, compreende um duplo significado: de um lado é o fator que qualifica a condição de colono, e de outro especifica a origem étnica nacional, que inclusive, as diferenças aparecem dentro da própria categoria de *colono*. Nessa perspectiva, “[...] a crença subjetiva na ‘origem’ estabelece os limites da comunidade, fundamentada na semelhança de costumes, modos de vida, hábitos alimentares e religiosos etc... atribuídos aos colonos em geral”¹⁷.

A dedicação ao trabalho, vista como algo primordial, existente desde tempos longínquos, é observada ainda em outro trecho do suplemento especial em que adverte o leitor: “quem ainda hoje conviver ou conhecer os descendentes dos primeiros colonos italianos, se defronta com pessoas de alta estatura, corpulentos, repletos de vigor, cheios de vida e saúde, e grande disposição para o trabalho”¹⁸.

Os meios de comunicação acabaram, dessa maneira, conclamando os descendentes dos imigrantes *italianos* como um povo trabalhador, ou seja, concebendo o trabalho como algo que está presente no *sangue italiano* que compreende uma série de valores que evidenciam características positivadas e auto-atribuídas. Ovídio de Abreu Filho salienta que o sangue:

[...] é pensado como uma substância transmissora de qualidades físicas e morais, formando o corpo e o caráter. Assim, se através do sangue

qualidades morais são transmitidas e perpetuadas e se ele dá conta da construção do corpo e seus instintos, o indivíduo agente empírico – é representado, não como individualmente indivisível, mas como parte de uma totalidade que o transcende e o constrói¹⁹.

E o descendente *italiano-trentino* - rodeiense é, então, visto pela mídia como:

[...] simples, bom, honesto e hospitaleiro, sobejam nele qualidades características de seus antecessores, que lhe dão um caráter de dignidade pessoal: a alegria a uma vida modesta, condicionado ao meio físico natural, o que lhe falta em ostentações, sobra-lhe em higiene, saúde, força, resistência e valor moral [...]²⁰.

Para além das “contribuições dos imigrantes italianos” que aparecem ao longo do suplemento especial editado pelo Jornal de Santa Catarina, são vários os textos que convocam os descendentes a revitalizar, ou melhor, a “resgatar” sua cultura. Como cita a matéria que faz apologia à construção de árvores genealógicas:

Um hábito antigo e de real importância para filhos que prezam sua ascendência e pais que querem legar a linhagem sangüínea aos seus pósteros é o de se construir a árvore genealógica de sua família [...]. Em nossos dias tem-se o hábito de se dar pouca importância à descendência. Conhecer os seus é conhecer-se a si próprio²¹.

É possível perceber, nos discursos citados, que existe concomitantemente uma exaltação do que os imigrantes trouxeram em sua bagagem (língua, hábitos alimentares, vestimentas, jogos, gosto pelo trabalho, etc) e a suposta constatação da permanência de alguns desses traços, vistos como *marca indelével* do italiano, tal como a afeição ao trabalho. E paralelamente, um convite ao retorno às origens a fim de “resgatar usos e costumes” de seus ascendentes. Como ilustram as palavras:

[...] Na região do Médio Vale do Itajaí, se conservou em grande escala esse modo de viver e ser do povo, muito embora persista a ameaça de

seu próximo desaparecimento se alguém não assumir a responsabilidade de sua conservação [...]”²².

O reconhecimento decisivo de uma permanência de traços culturais *autenticamente trentinos*, ocorreu quando da visita de uma comitiva de autoridades italianas que estiveram nas cidades de colonização trentina; bem como a pesquisa realizada por Andrietta Lenard²³ e a sua conclusão de que o dialeto trentino era usado naquele momento como língua materna da grande maioria dos moradores de Rodeio. A lingüista conferiu ainda uma *autenticidade* da língua, ao levar para cidades da Província Autônoma de Trento, em janeiro de 1975, fitas com entrevistas gravadas em dialeto trentino fazendo um estudo comparativo entre a língua falada em Rodeio com a de Trento.

Parece-me que a visita dessa comitiva teve uma importância crucial naquele momento, uma vez que se tratou de um primeiro contato formal estabelecido entre a Província Autônoma de Trento e as cidades onde vivem descendentes trentinos, após o término da II Guerra Mundial. Os dizeres proferidos pela comitiva que ressaltaram a *originalidade* de Rodeio são visíveis nestas palavras: “[...] redescobrimo neste povo um forte núcleo de origem trentina autêntica: os mesmos sobrenomes [...] os mesmos costumes e sobretudo a mesma língua [...]”²⁴.

A língua é vista como um dos principais fatores distintivos no processo de afirmação e reivindicação desta identidade cultural. Contudo, conforme citei anteriormente, faz-se necessário perceber o caráter dinâmico da mesma. Com isso, não pretendo aqui menosprezar sua importância ou negar seu uso ainda hoje presente na cidade de Rodeio, mas sim chamar atenção para a sua metamorfose e acréscimo de elementos de outras línguas quando da interação com diferentes grupos étnicos.

Não obstante o fato de uma comitiva italiana afirmar uma autenticidade trentina - principalmente no que se refere à língua - na cidade e acenar possibilidades de convênios econômicos e culturais com a Província de Trento, contribuiu significativamente para o surgimento de novas manifestações da italianidade; assim como a repercussão na mídia dos eventos por ocasião do centenário incen-

tivaram as pessoas que recentemente criaram o Grupo Folclórico a se mobilizarem com o intuito de “resgatar e preservar” não apenas a música italiana mas toda a *cultura italo-trentina*. Nesse sentido, os discursos da mídia, da pesquisadora e principalmente da comitiva, por se tratarem de falas *autorizadas*, são utilizados para fundamentar e justificar a afirmação e reivindicação da italianidade.

O clímax das comemorações se deu no período de 6 a 14 de dezembro. No dia 6 foi lançado o “Livro de Rodeio” e ainda naquela noite ocorreu uma apresentação do Centro Cultural Ítalo-Brasileiro “Dante Alighieri”, de Curitiba. Para a orientação dos visitantes e da sociedade rodeiense em geral, foi elaborado um programa oficial pela comissão responsável pelos festejos. Nesse programa constavam: missa solene na Matriz (Coro e 4 vozes) e desfile de bandas na rua principal. No Domingo, dia 7, ocorreu um banquete em homenagem à visita do Governador e da comitiva italiana; inauguração do “Marco Centenário” e do Museu “Usos e Costumes”, que é atualmente exaltado pelo Círculo Trentino como o único museu trentino existente no Brasil, e por fim, um Baile Municipal. Nos dias 8, 9, 10 e 13 foram providenciados *pratos típicos* da região (o jornal não menciona qual foi o cardápio), e durante toda a semana ocorreram competições esportivas como: corrida de bicicleta, corrida de tamancos, esporte entre gordos, magros e casados, entre outras provas. Ainda no dia 13, ocorreu o *Baile do Chopp* (grifo meu); sendo que o encerramento se deu no dia 14 com a realização de Missa Campal e desfile escolar com a presença de carros alegóricos, sendo que a atração principal foi um grupo que representou os colonos imigrantes ao carregarem nas costas sacos com espigas de milho.

Os acontecimentos mais marcantes foram, sem dúvida, as visitas do governador do Estado, Antônio Carlos Konder dos Reis e da comitiva de italianos composta por políticos e religiosos. A esse propósito se referem os dizeres retirados do Jornal de Santa Catarina:

[...] advindos especialmente para as comemorações, engalanam o cenário festivo de Rodeio, [...] brinda à altura os atuais descendentes dos desbravadores italianos e rememora com ufania e reverência o destemor dos arautos da colonização²⁵.

A extensa programação não deixou esconder o quanto latente eram naquele momento as ações em torno da (re)invenção da italianidade em Rodeio. Com exceção do Grupo Folclórico, que fez uma de suas primeiras apresentações de canto, e do Grupo Teatral de Rodeio, que encenou uma peça enfatizando os *velhos* costumes, o restante das celebrações ficou ao cargo de bandas de São Bento do Sul, Cascavel e Blumenau. Nessa direção, o “Baile do Chopp”, bem como a contratação de bandas de outras cidades, revelam o caráter incipiente desse processo em construção. Entretanto, foi a partir desse marco comemorativo, que em Rodeio se deu início ao surgimento de inúmeros veículos de divulgação que vêm afirmando e negociando essa identificação. Cabe ressaltar a não-linearidade da mesma, isso porque a criação do Círculo, das festas, dos intercâmbios culturais e financeiros com a Itália, e demais manifestações, não se deram instantaneamente após o centenário.

Essas primeiras manifestações após a comemoração do centenário foram realizadas por um grupo muito restrito de moradores da cidade. Esse grupo, formado inicialmente por mulheres ligadas a empreendimentos sociais desde 1972 (Rotary), criou o então intitulado “Grupo Ítalo-folclórico” no ano de 1975²⁶. A partir dessa data, de acordo com depoimentos de integrantes do atual Círculo Trentino, essas pessoas começaram a visitar moradores idosos da cidade no intuito de escutar músicas antigas e escrever as letras. Em 1977, o grupo já recebia convites para cantar em Curitiba, Blumenau, Florianópolis, Rio do Sul e Ibirama. Um dos integrantes do GIBRAC lembra sobre as primeiras viagens que o grupo fez, principalmente para o Oeste de Santa Catarina:

[...] tinha certas localidades [...] principalmente os velhinhos eles choravam de alegria e tristeza. Alegria por nós trazer de volta a recordação deles aquelas músicas de quando eles eram crianças, e tristeza por terem parado de cantar²⁷.

Esse sentimento de pioneirismo com relação à *revitalização* da identidade “italiana” em Santa Catarina, assim como a crença de atributos físicos e morais presentes no *sangue italiano*, irá percorrer

toda a trajetória dessas entidades que tomaram para si a responsabilidade de fomentar as principais diretrizes dessa identificação cultural.

Notas

1. Uma introdução interessante acerca do atual debate em torno das identidades culturais está em: HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Guacira Lopes Louro, Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 3ª ed, 1999.
2. Com relação à referida postura sobre a etnicidade, ver: CONZEN, Katheleen Nehls et alli. The invention of ethnicity: A perspective from the U.S.A. In: **Journal of American History**. Fall, 1992. A tradução deste texto foi realizada pela Profa. Dra. Eunice Sueli Nodari para disciplina no PPGH da UFSC.
3. CUNHA, Manuela Carneira da. Etnicidade: da cultura residual mas irredutível. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil: mito, história e etnicidade**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 101.
4. Rodeio, cidade do interior do Estado, localiza-se cerca de 40Km de Blumenau e, de acordo com o último censo demográfico, sua população é de 10.376 habitantes, sendo que 8.863 pessoas vivem no perímetro urbano e 1.513 no meio rural.
5. Cabe ressaltar que esse fenômeno de revitalização e invenção da italianidade vem ocorrendo em todos os países que receberam emigrantes *italianos*. A Associação Trentini nel Mondo, fundada em 1957 é composta atualmente de 120 círculos trentinos no exterior e 11 na Itália. Sendo que no Brasil existem 31 círculos, 4 delegações e 1 federação. Num levantamento realizado junto à Agência Consular de Blumenau em agosto de 2000, existem atualmente na região do Vale do Itajaí 20 associações e círculos institucionalizados e cerca de outros 5 não-institucionalizados. De acordo com a comunidade italo-brasileira (CIB), existe em Santa Catarina aproximadamente 100 entidades italianas institucionalizadas (associações, círculos, sociedades, seções, centros e grupos), contudo, apesar de Santa Catarina, no Brasil, ser o Estado de maior predominância dessas entidades, uma parte das mesmas tem pouca ou nenhuma atuação. Disponível em: <http://www.associb.org.br/index.php3>. Acessado em 12/08/2001.
6. JORNAL DE SANTA CATARINA. 3 de maio de 1975.
7. *Ibidem*, p. 4.
8. JORNAL DE SANTA CATARINA. 30 de outubro de 1975. Sobre o assunto foram publicadas 42 páginas de textos, fotos e propagandas referentes ao centenário.
9. *Ibidem*, p. 1.
10. *Ibidem*, p. 2.
11. *Ibidem*, p. 6.
12. *Ibidem*, p. 5. Não consta nome do autor.
13. Essa informação é encontrada no compêndio escrito por CANI, Iracema Moser. **Rodeio: Vale dos Trentinos**. Secretaria de Cultura e Turismo de Rodeio, 1997. Contudo, embora contenha a listagem de trentinos e de alguns italianos, não consta qualquer referência ao número de alemães, poloneses e brasileiros que também colonizaram a cidade. A informação é de que o número de pessoas pertencentes aos três últimos grupos é basicamente insignificante.
14. De acordo com COLBARI, Antonia. Familismo e ética do trabalho: o legado dos imigrantes italianos para a cultura brasileira. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH - Humanitas Publicações, vol.17, nº34, 1997.

15. SEYFERTH, Giralda. As contradições da liberdade: análise sobre a identidade camponesa. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, nº18, ano 7, fev. 1991.
16. Nos depoimentos colhidos são frequentes as afirmações de que os brasileiros chegaram muito depois dos "italianos".
17. Seyferth, 1991, p. 90.
18. JORNAL DE SANTA CATARINA. 30 de outubro de 1975, p. 5. Não consta o nome do autor.
19. FILHO, Ovídio Abreu apud SAVOLDI, Adiles. **O caminho inverso**: a trajetória de descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. UFSC, 1998, p. 37.
20. JORNAL DE SANTA CATARINA. 30 de outubro de 1975, p. 5. Não consta nome do autor.
21. JORNAL DE SANTA CATARINA. Ibidem, p. 4. Não consta nome do autor.
22. JORNAL DE SANTA CATARINA. Ibidem, p. 23. Autores Vicenzi e Buzzi.
23. LENARD, Andrietta. **Lealdade linguística em rodeio**. Dissertação de Mestrado em Linguística, UFSC, 1976.
24. JORNAL DE SANTA CATARINA. Ibidem, p. 5. Não consta nome do autor.
25. JORNAL DE SANTA CATARINA. 7 e 8 de dezembro de 1975, p. 2. Não consta nome do autor.
26. JORNAL O CORUJÃO. Novembro de 1979, nº 42, ano III.
27. Entrevista realizada em Rodeio no dia 30/11/2001 com Adimir Tomelin.